

AVALIAÇÃO DE PROGRAMAS DE USO DE JORNAL EM SALA DE AULA OFERECIDOS AOS PROFESSORES POR EMPRESAS JORNALÍSTICAS.

PAROLI, Rebeca Maria – Mestrado em Educação: PUC-Campinas – rebecaparoli@terra.com.br

ALMEIDA JUNIOR, João Baptista de. – Mestrado em Educação: PUC-Campinas – jbalmeida@uol.com.br

Agência Financiadora: CAPES

Palavras-chave: Avaliação Educacional, Inovação Educacional, Leitura Crítica, Uso de Jornal em Aula, Novas Tecnologias de Comunicação e Informação.

Introdução

A grande quantidade de informações divulgadas pelos meios de comunicação na atualidade sugere mudanças na Educação. Simplesmente reproduzir ou aceitar, sem questionamentos, o que é divulgado pela mídia precisa deixar de fazer parte da rotina escolar. Ao contrário, o incentivo à criticidade dos alunos ante o consumo dos produtos dos meios de comunicação deveria estar presente nas aulas, nas leituras e nos debates educacionais. Não uma crítica de discórdia, visando unicamente à contestação, mas a crítica que permite, ao leitor, docente ou estudante, construir um conhecimento aliado ao prazer da leitura dos textos midiáticos. Uma criticidade que inclua, por parte de ambos, a possibilidade de negação de determinado meio de comunicação ou assunto, ou ainda possibilite a escolha daquilo que realmente é relevante para o seu crescimento como leitor-cidadão, ciente de sua inserção em uma sociedade influenciada por esses meios.

Para que isso ocorra, a Educação precisa deixar de lado seu paradigma conservador de transmissão do conteúdo disciplinar e se voltar para a contemporaneidade, que está a exigir, cada vez mais, professores e alunos leitores e consumidores dos meios de comunicação, mas críticos e ativos, que saibam discernir acerca das informações realmente relevantes e, a partir daí, tenham condições de construir um conhecimento significativo.

Hoje muito se fala sobre a passividade e sobre o entorpecimento mental dos receptores dos meios de comunicação, sobretudo dos jovens (SARTORI, 2001). Essa passividade pode ser uma decorrência do paradigma conservador da Educação, que faz com que os estudantes aceitem, por exemplo, como verdade, aquilo que está nos

jornais ou na tv, somente por ter sido escrito ou divulgado por um jornalista, sem assumirem um posicionamento de reflexão a respeito do assunto. Reverter esse quadro implica em alterar o paradigma educacional, contando com as possíveis contribuições do uso dos meios de comunicação no ensino-aprendizagem, de modo a formar um leitor não submisso às mensagens recebidas, mas um leitor crítico com capacidade de discernimento.

O presente artigo avalia especificamente os programas de utilização de jornais em sala de aula, programas elaborados por empresas jornalísticas com ou sem finalidades pedagógicas, direcionados às escolas e professores dos ensinos fundamental e médio. O número desses programas vem aumentando ultimamente, coincidindo com uma também crescente queda de leitores de jornais, que essas iniciativas tentam reverter.

Incentivar a leitura de jornais por parte dos alunos e professores por meio de programas pode não ser a melhor solução para se desenvolver a criticidade dos estudantes, já que a ideologia implícita nas reportagens atende a uma lógica mercadológica, que não condiz com a Educação que se pretende promover hoje na realidade brasileira. Mas, justamente pelo fato das escolas ainda não terem encontrado formas produtivas de integração com a sociedade informacional, é que empresas jornalísticas oferecem programas com objetivos pedagógicos associados aos comerciais, sem custos nenhum às escolas. De olho no futuro próximo, tais empresas pretendem criar uma ponte de comunicação com as escolas de modo a angariar mais leitores. Tais empresas ainda acabam por ocupar uma lacuna deixada pelas faculdades de licenciatura na formação dos docentes, que não são preparados suficientemente para trabalhar esse recurso didático-pedagógico no ensino.

À guisa de uniformização de nomenclatura, iniciamos com uma revisão da literatura especializada, a fim de esclarecermos alguns conceitos utilizados no artigo. Primeiramente, buscamos definir melhor o que se entende por “comunicação”, termo tão popularizado, que acaba sendo reduzido à simples transmissão de alguma mensagem entre pessoas nos locais de trabalho. Na Universidade, Comunicação virou um departamento que pretende formar jovens em profissões como: publicitários, jornalistas e relações públicas. Mas a palavra “comunicação”, do latim *communis*, traz

a idéia de comunhão que, de maneira restrita, significa comungar, participar em comum, compartilhar, mais do que simplesmente transmitir (PEREZ e BAIRON, 2002).

Entendemos como “meios de comunicação”, os veículos dedicados à difusão de mensagens recreativas e de informação para os diversos segmentos sociais, como o jornal, o rádio e a televisão (CANCLINI, 2001). Pela palavra “mídia”, do latim *media*, designa-se de modo geral os meios, os veículos de comunicação (RAMOS, 1990), sendo empregada aqui como sinônimo genérico de meios de comunicação (IJUIM, 2002). Já a palavra “imprensa” é aplicada especificamente para designar algumas fontes noticiosas de informação para o leitor, como o jornal, revista, rádio e televisão.

O avanço tecnológico, acelerado e contínuo das últimas décadas, auxiliado pela informática na montagem de sistemas de redes internacionais de informação, fez com que outros meios se agregassem aos processos de comunicação na sociedade. É o que entendemos neste trabalho por “novas tecnologias da informação e da comunicação”, que, além dos meios tradicionais, jornal, rádio e televisão, inclui a internet e equipamentos derivativos que utilizam computadores (CITELLI, 2004).

Apesar de se referir a meios de “comunicação”, quando se trata das novas tecnologias de comunicação, as ações decorrentes desses meios pouco contemplam da idéia de compartilhamento, mas sim de transmissão unilateral de informações.

A simples utilização das novas tecnologias da informação e da comunicação em sala de aula pode parecer inovação, já que se trata de equipamentos constantemente atualizados e sempre interessantes aos olhos dos alunos. Contudo, para se estabelecer como inovação verdadeiramente educacional, que possa renovar e contribuir nos processos de construção do conhecimento nas situações de ensino-aprendizagem, o uso de um meio deve ser direcionado ao desenvolvimento do raciocínio e da criticidade dos alunos.

É óbvio que a inovação não se resume à simples introdução de tecnologias em sala de aula. A inovação está no modo como elas são aplicadas. Somente terão importância epistemológica e justificar-se-ão pedagogicamente, se facilitarem o alcance dos objetivos de aprendizagem, de construção do conhecimento e se forem eficientes para tanto (MASETTO, 2004).

É fundamental esclarecer também que, segundo CUNHA (2002), o desenvolvimento da criticidade é um dos aspectos necessários, mas não suficiente, para caracterizar uma inovação educacional. Nessa perspectiva, utilizar o Jornal em Sala de Aula de maneira crítica pode ser um dos passos para se atingir uma inovação na Educação.

O jornal como instrumento didático-pedagógico

Acumular informações não significa necessariamente ter conhecimento. As muitas informações provenientes da mídia que circulam na sociedade moderna, informações passageiras e superficiais, são fáceis de serem esquecidas. Por outro lado, o conhecimento é resultado do ir além da superfície da informação; o conhecimento demanda tempo, investigação, pesquisa pertinente; o conhecimento é fruto de questionamentos, de discernimento, de sistematização de informações significativas a partir da leitura mais atenta das mídias, de uma visão mais abrangente sobre o que foi dito ou publicado. É neste sentido que o jornal se torna um rico instrumento didático-pedagógico, pois, quando é trabalhado com criticidade no âmbito escolar, possibilita a transformação da informação em um dado significativo na direção de um conhecimento mais aprofundado.

José Manuel Moran, no livro *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*, reafirma que a informação é o primeiro passo para a construção do conhecimento. Esta afirmação é importante e esclarecedora, já que o jornal é uma grande fonte de informação. Segundo Moran:

Conhecer é relacionar, integrar, contextualizar, fazer nosso o que vem de fora. Conhecer é saber, é desvendar, é ir além da superfície, do previsível, da exterioridade. Conhecer é aprofundar os níveis de descoberta, é penetrar mais fundo nas coisas, na realidade, no nosso interior. Conhecer é conseguir chegar ao nível da sabedoria, da integração total, da percepção da grande síntese, que se consegue ao comunicar-se com uma nova visão de mundo, das pessoas e com o mergulho profundo no nosso eu. O conhecimento se dá no processo rico de integração externo e interno. Pela comunicação aberta e confiante desenvolvemos contínuos e inesgotáveis processos de aprofundamento dos níveis de conhecimento pessoal, comunitário e social (2004, p. 25).

Nesta perspectiva de crescimento epistemológico, o jornal pode ser muito mais que uma fonte de informações para o aluno/leitor, como também o são a Internet e os vídeos, desde que haja uma abordagem crítica do veículo e um exercício de questionamento sobre o que é publicado, ou seja, quando o jornal é trabalhado pedagogicamente visando instigar questionamentos para gerar novos conhecimentos.

Por isso, nos concentramos nesta pesquisa nos programas de uso de Jornal em Sala de Aula oferecidos pelas empresas de comunicação aos professores, de modo a avaliar seus objetivos do ponto de vista educacional e suas possibilidades didático-pedagógicas como meio de consolidação de conhecimento pelos alunos.

Hoje em dia, na maioria das vezes, o professor ainda mantém uma ação docente assentada em pressupostos do paradigma influenciado pelo pensamento newtoniano-cartesiano, ou seja, em um paradigma conservador. É preciso encontrar caminhos alternativos para que o professor possa ultrapassar essa abordagem na prática pedagógica (BEHRENS, 2005).

Na busca inovadora destes caminhos alternativos, é possível pensar na inclusão do Jornal em Sala de Aula, mas não se trata simplesmente de adoção de um novo veículo de comunicação para auxiliar no conteúdo das disciplinas, pois, o jornal também segue as determinações do paradigma citado.

Segundo Ijuim:

O questionamento sobre o ‘fazer jornalístico’ ganha sentido à medida que observamos em seu dia-a-dia alguns sinais de raízes profundas dos paradigmas fundados na certeza. A ciência acredita acumular verdades controladas que se transformam nas extensões técnicas e nas tecnologias. Seu rigor racionalizante – e racionalizador – acaba por definir certos códigos sócio-culturais que, inconscientemente, determinam posturas, maneiras de pensar e agir. O pragmatismo das sociedades modernas mostra agilidade e disciplina na atuação do comunicador, através de regras do ‘como fazer’ (e como pensar). Ao adotar a racionalidade da ciência para esse fazer, a imprensa assume também uma visão de mundo que crê na concordância perfeita entre o racional e a realidade. Por isso, valorizando a experiência, o empírico, do inteligível ao previsível e mensurável instituiu a crença de que a imprensa deva produzir verdades (2002, p. 31 e 32).

As múltiplas informações dos meios de comunicação, tidas como “verdades” a legitimar a realidade social, ocasionam, na maioria dos estudantes, uma dificuldade

operacional cognitiva para integrá-las, selecioná-las e verificar qual delas interessa realmente ao exercício da cidadania. Para que esta dificuldade seja superada, as instituições de ensino têm um papel fundamental; e não podem ficar alheias às influências dos meios e das novas tecnologias na sociedade. Pelo contrário, é importante que a escola tenha a iniciativa de se aproximar desses meios e tecnologias, pois os jovens já estão conectados com eles, mas não por meio dela - escola. Os meios, que sempre são interessantes e concentram a atenção dos alunos, podem estimular o raciocínio e o senso crítico, desde que haja disposição docente para despertá-los do fascínio midiático e desenvolver neles uma racionalidade crítica.

Nesse sentido, os meios podem se constituir em grandes aliados didáticos do professor. Uma adequada abordagem dos jornais pretende visar o questionamento, a escolha seletiva dessas informações e a retenção das que realmente interessam na conformação do conhecimento. Não se trata de aplicarmos o jornal em aula como a grande novidade, isso não caracteriza inovação educacional, nem podemos transformá-lo no motivo central do ensino, na “estrela” da aula, Inovar em educação com o uso de jornais não é simplesmente levá-los à sala de aula ou recortar reportagens e utilizá-las como ilustração de conteúdos disciplinares. A inovação é muito mais do que isso. A utilização ilustrativa, subsidiária das novas tecnologias e da mídia em sala de aula não caracteriza, em nenhum momento, inovação, mas sim novidade. Seria o inovar por inovar, apontado por Demo (1997). Atitudes como a descrita acima levam a crer que o jornal, utilizado como ilustração de conteúdo, não passa de uma novidade passageira, pois logo virá algo novo para o “consumo” e substituí-lo. A utilização do jornal, sem questionamentos, não auxilia em nada a formação de um aluno emancipado e questionador. Portanto, ao utilizar estes recursos, o professor precisa proporcionar uma inovação em sala de aula, que começa com a criticidade.

Percebe-se que a inovação não está restrita ao uso dos meios de comunicação e das novas tecnologias, mas à maneira como o professor fará a apropriação e o direcionamento destes recursos, para criar situações que superem a reprodução de informações e levem à produção do conhecimento, a um processo de aprendizagem (BEHRENS, 2005).

A expectativa presente no processo de ensino com jornais é que o aluno não mais se comporte como um receptor passivo do jornal (comportamento extensivo também a outras mídias), e assuma seu papel de leitor crítico e participante, devendo ser um sujeito de ações que levam ao conhecimento. O aluno terá que mudar de comportamento e de mentalidade, para trabalhar individual e coletivamente, auxiliando o grupo. O professor não será mais o detentor do conhecimento, mas um orientador, um mediador do processo de aprendizagem (MASETTO, 2004).

A prática docente com Jornal em Sala de Aula

Um dos caminhos para que o aluno possa chegar a um processo de aprendizagem com qualidade pode ser delineado, pelo professor, com o uso do Jornal em Sala de Aula, como fonte de informações capaz de gerar um conhecimento significativo e sintonizado com as temáticas disciplinares, contanto que receba o direcionamento crítico adequado, como foi apontado anteriormente.

Neste caso, o jornal possui um potencial a ser explorado, com temas atuais, históricos e científicos, dentre muitos outros, que podem ser fontes de inspiração para uma pesquisa mais aprofundada, objetivo de uma educação inovadora e que realmente proporcione ao aluno a sua emancipação.

Na perspectiva de domínio consciente da mídia, Cunha (2002) alerta que *“a força do modelo neoliberal é inegável e suas estratégias têm sido competentes para manter uma pseudo-hegemonia no país. O controle da mídia tem sido um importante aliado nesse processo, dificultando as contraposições”*.

Por que, então, trazer justamente o jornal para a sala de aula, visto que são tantos os problemas envolvendo a mídia, sem falar nos da Educação, que também são muitos? Faria (2001) responde, afirmando que um dos principais papéis do professor é o de estabelecer laços entre a escola e a sociedade. Levar jornais/revistas para a sala de aula é uma das alternativas para que fatos do mundo sejam debatidos dentro da escola, mesmo reconhecendo-se o recorte ideológico do enfoque jornalístico.

Segundo Faria (2001), o jornal pode ser encarado como:

a) Fonte primária de informação, pois, com um aprofundamento e busca de novas informações, um conhecimento inovador pode ser gerado a partir do jornal.

b) Formador do cidadão, auxiliando a desvendar o que ocorre no dia-a-dia, revelando situações que ajudam a formação integral, com informações sobre os direitos e deveres dos cidadãos.

c) Auxiliar na formação geral do estudante, como um apoio ao conteúdo, que pode estar mais atualizado do que no livro didático.

d) Um exercício de padrão de idioma, já que é utilizada uma linguagem coloquial, que pode ser bem aproveitada no cotidiano.

e) Texto autêntico, lê-se diretamente do escritor, sem haver outra pessoa traduzindo ou comentando o que foi publicado.

f) Registro da história corrente, pois os acontecimentos ficam perpetuados com a publicação no jornal.

A informação, obtida por meio do jornal, é uma etapa inicial para que sejam feitas análises mais relevantes. Como formador do cidadão, o jornal pode auxiliar no confronto de reportagens que levem o leitor a se emancipar com o conhecimento dos fatos do dia-a-dia. É fundamental para auxiliar na formação geral do estudante, pois não se pode mais deixar de lado as novas tecnologias da informação e da comunicação e dos meios de comunicação na Educação. Padrão de idioma, pois a linguagem é parecida com a do cotidiano, mas com textos coerentes e que abrangem muitas fontes de informação, e, por fim, registro da história, já que os jornais divulgam os principais fatos, com repercussão nas análises de especialistas e nas opiniões da população. Portanto, o jornal tem um grande potencial educativo.

Apesar de todas as qualidades elencadas, não se verifica um aumento significativo da leitura de jornais. Marcelo Beraba, ombudsman da Folha de S. Paulo, diário de maior circulação nacional, revela uma estatística preocupante.

Em 1995, a Folha chegou a vender uma média diária de 606 mil exemplares. Terminou o ano passado com uma média de 308 mil. Como em 2003 tivera uma média de 315 mil exemplares diários, a queda em um ano foi de 2,3%. Os desempenhos do "Estado" e do "Globo" não são muito diferentes. O jornal do Rio, que naquele mesmo longínquo 1995 chegou a vender 412 mil exemplares por dia, encerrou 2004 com uma média de 257 mil. Em relação a 2003 teve um crescimento pífio de 4.000 exemplares por dia, e foi o único. O "Estado", que no seu auge alcançou 385 mil exemplares, terminou 2004 com 233 mil, 10 mil a menos do que no ano anterior. Se tomamos por base o ano 2000, os três jornais perderam juntos 31%. Quando suas

vendas aos domingos, estimuladas artificialmente por brindes e enciclopédias, passaram da casa de 1 milhão de exemplares, a Folha chegou a se comparar aos maiores jornais do Ocidente em circulação. Na última lista da WAN (World Association of Newspapers), de 2003, não há nenhum jornal brasileiro entre os cem maiores do mundo. Nenhum. O centésimo da lista, "The Arizona Republic", dos Estados Unidos, tem uma média diária de 597 mil exemplares (2005, p. A6).

Acredita-se que uma das alternativas para inverter o quadro de queda de leitores pode partir dos próprios professores como exemplo, anunciado para seus alunos, de terem o hábito de ler jornais. Com essa auto-referência de leitor assíduo e com comentários freqüentes sobre as notícias dos jornais, o professor poderá despertar nos alunos o interesse pelo meio e, talvez, estimular o tão importante hábito de leitura. Outro modo é o uso do Jornal em Sala de Aula.

Os programas de uso de Jornal em Sala de Aula e suas empresas

São muitos os programas elaborados por empresas de comunicação voltados ao preparo de docentes para o uso do Jornal em Sala de Aula. Hoje já somam 50 ao todo no Brasil. Fica evidente que estes programas são uma estratégia de mercado para a aquisição de novos leitores, já que o aumento do número destes programas coincide com a queda do número de leitores de jornais. Essa realidade pode ser confirmada no texto publicado no site da Associação Nacional de Jornais, que afirma que um dos objetivos dos programas é formar novos leitores, contribuindo para que se revertam os baixos índices de leitura do país e, inclusive, proporcionar a *“oportunidade de facilitar o acesso às questões do cotidiano descritas nos jornais para que cada um sobre elas se posicione e faça suas escolhas em prol de uma sociedade melhor”*¹.

Procedimentos metodológicos

Para conhecer se existia ou não um posicionamento pedagógico por parte dos coordenadores dos programas e também para verificar quais eram os objetivos específicos dos programas e os da própria empresa, foi elaborado um questionário, composto de 10 questões, 5 fechadas e 5 abertas, que foi enviado para 50 responsáveis

¹ Os dados obtidos no site ANJ (Associação Paulista de Jornais), disponível em <www.anj.org.br>. Acesso em 07 de out. de 2005

pelos 50 Programas de Uso de Jornal em Sala de Aula existentes no Brasil, todos filiados à Associação Nacional de Jornais. O questionário foi remetido por e-mail, com instruções para resposta. Dos 50 coordenadores contatados, 11 responderam, ou seja, 22%. A devolução foi significativa e houve bastante interesse dos responsáveis, pois o prazo para o envio das respostas foi de uma semana somente.

Análise das respostas

A primeira questão é relativa à iniciativa da implantação do Programa de uso de Jornal em Sala de Aula. De acordo com as respostas, a iniciativa partiu dos proprietários do jornal (8), seguida da administração (2) e da redação (1). Observa-se que o programa é determinante do ponto de vista empresarial, já que partiu dos próprios proprietários a iniciativa de levar exemplares para dentro das escolas. Dado que não desabona a iniciativa, pois, mesmo não escondendo seus objetivos mercadológicos, os programas podem e devem se destinar a fins educativos.

A questão seguinte é relativa ao início do Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula. Para a implantação, a empresa jornalística procurou especialista em alguma área, sendo a principal área a Educação (6), seguida pela Comunicação (1), Marketing (1), uma Empresa especializada em programas de uso de Jornal em Sala de Aula (1) e outros (3) - sendo que uma dessas respostas conta que foi contratado um escritor que trabalha com leitura; em outro caso, foram procurados coordenadores de outros jornais que já tinham o Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula e também foi procurada a ANJ. O número de respostas ultrapassa a quantidade de questionários analisados (11), porque um dos responsáveis respondeu que a empresa optou por especialista em Comunicação e também em Marketing.

A questão três diz respeito à pessoa ou equipe responsável pela elaboração ou coordenação do Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula, sendo que, no caso de equipe, foram solicitados o número de componentes e a respectiva função do coordenador e dos membros da equipe do jornal. A maioria das respostas (7) afirma que cada programa tem uma equipe composta, geralmente, por 3 pessoas, sendo sempre um coordenador pedagógico, um jornalista e um editor. Em somente três programas há uma única pessoa respondendo. Também não houve, em 6 respostas, a

especificação da função do responsável e dos membros da equipe. As funções dos membros da equipe são: coordenador pedagógico, funcionário ligado à diretoria do jornal, pedagoga, especialista em educação, professores, jornalistas, editores, subeditores, repórteres e redator-chefe. Geralmente, a equipe é composta por membros de ambas as áreas: Educação e Comunicação, e também por representantes de cargos de chefia, como editores e pessoas ligadas à diretoria. Há, portanto, interesse, envolvimento e investimento de funcionários do jornal na coordenação dos programas, funcionários que, provavelmente, em certos momentos, desviam-se de suas funções e trabalham ou colaboram no Programa.

A quarta questão diz respeito ao modo como ocorreu a escolha do profissional responsável pelo Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula ou da equipe responsável. De acordo com as respostas, a escolha sempre parte da direção do jornal e geralmente envolve uma pessoa ligada à Educação: indicação de um diretor-geral de professor universitário em Educação; indicação de um profissional especializado em Programas de Uso de Jornal em Sala de Aula; indicação de um articulista do jornal, também professor de Língua Portuguesa; indicação do próprio diretor; indicação de um jornalista recém-contratado, formado em Publicidade e Marketing, Psicologia, que também é professor; indicação de uma pedagoga, uma administradora e uma assistente; indicação de um professor, que também é um funcionário antigo e indicação de um professor de ensino médio, que também trabalha no jornal. Em dois questionários não havia a resposta para esta pergunta.

Apesar de serem muitos os profissionais da Educação envolvidos, poucos são formados em Comunicação ou são especialistas em Programas para o Uso de Jornal em Sala de Aula. A base de elaboração do programa configura um campo de trabalho interdisciplinar que exige a participação de profissionais das duas áreas de conhecimento Educação e Comunicação; na falta da equipe interdisciplinar ocorre a iniciativa pessoal de um pedagogo (especialista em educação) ou de um comunicólogo, no sentido de buscar uma integração entre as duas áreas. Acredita-se que o responsável pelo programa de uso de Jornal em Sala de Aula deveria ter experiência em ambas as áreas, conhecer as interfaces da mídia, com suas manipulações e ideologias e, ao mesmo tempo, atender às necessidades da Educação

em agregar os meios de comunicação em sala de aula, exigência da sociedade contemporânea.

A quinta questão é relativa ao modo como o jornal contata as escolas para a implantação do Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula. Na maior parte das vezes, o primeiro contato é com professores (8), seguido de coordenadores (6), diretores (4) e outros (3), sendo, neste caso: escolas que solicitam o programa; parcerias com Secretarias Estadual e Municipal de Educação ou Diretorias Estadual e Municipal de Ensino. Também nesta questão, o número total de respostas ultrapassa o número de consultados (11), pois alguns programas assinalaram mais de uma alternativa.

A questão seguinte, número seis, é relativa ao profissional que realiza a capacitação dos professores para o uso do Jornal em Sala de Aula. Supondo a existência de um profissional encarregado dessa capacitação/orientação dos professores nos expedientes de aplicação do jornal em aula, o objetivo da questão era descobrir qual a especialidade dessa pessoa e sua formação. As respostas demonstram que, na maioria dos casos, há sempre um coordenador pedagógico, um professor, um educador ou um especialista em Programa, responsável em fazer os professores da rede travarem conhecimento com o material e as diretrizes de aplicação do mesmo em suas aulas. As respostas foram: coordenador pedagógico, sociólogo e psicopedagogo; educador pós-graduado; especialista em Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula; professor de Língua Portuguesa; professor com formação em Pedagogia, Estudos Sociais e pós-graduação em leitura e animação cultural; pedagogo; professora e mestre em psicologia; professora e jornalista; professor e licenciado em Letras.

Uma das respostas à questão seis merece atenção especial. O encarregado pelo programa responde que ainda não há ninguém fazendo a capacitação; há somente a entrega dos exemplares de jornais nas escolas. *“Mas, ano que vem terá que ter alguém, porque os professores utilizam o jornal de forma como acham melhor e nem sempre é a mais correta”* (2005, entrevista on line). A resposta além de evidenciar um caso comum de improvisação dos professores (*“como acham melhor”, “nem sempre a mais correta”*), o que significa, fundamentalmente, a deficiência na formação do

docente quanto a aplicação didático-pedagógica de Jornal em Sala de Aula, revela também, por parte da empresa, uma diligência não muito zelosa.

Observa-se da análise das respostas à questão seis que, algumas vezes, a empresa que não contrata uma equipe mínima de profissionais afins, mas de formação diversificada para o trabalho interdisciplinar que o programa requer, prefere contratar um profissional com perfil polivalente com formação nas duas áreas para coordenar a divulgação e implantação do Programa nas escolas. .

A pergunta sete questiona de que forma é oferecida a capacitação aos professores que vão fazer parte do Programa de Uso do Jornal em Sala de Aula. As respostas revelam que a orientação dos professores é feita por meio de oficinas, cursos, encontros, palestras ou reuniões. As oficinas aparecem em 9 respostas, sendo reconhecida como a principal estratégia de capacitação dos docentes, quando são apresentadas as “receitas” de como utilizar o Jornal em Sala de Aula e são exercitadas algumas técnicas. Geralmente essas oficinas são acompanhadas de encontros e palestras. Houve também referência a um curso, oferecido pela empresa, para capacitação dos professores que optarem trabalhar com o jornal em suas aulas. Um questionário voltou sem resposta nesta pergunta.

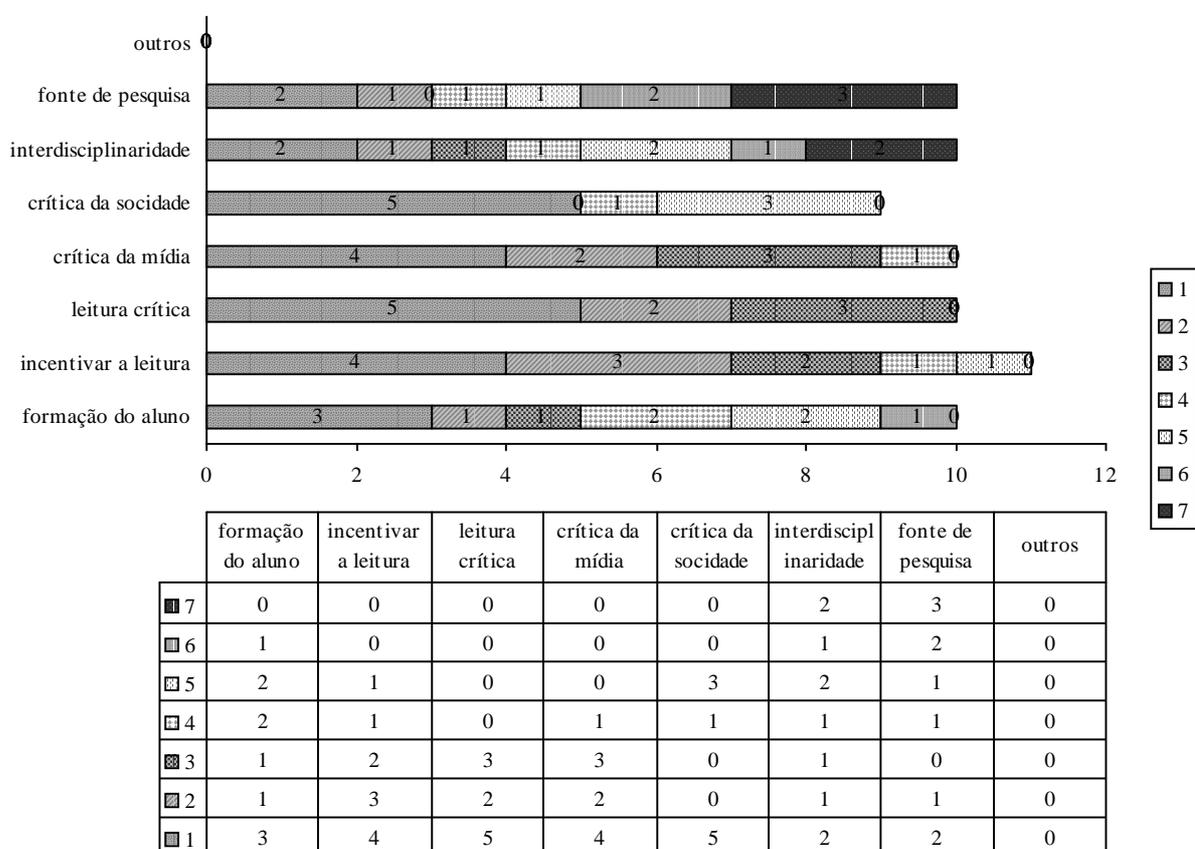
A questão número oito, complementando a anterior, questiona como e quando é feito o acompanhamento dos professores que integram o Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula. Em 9 das 11 respostas não afirmam se há alguma periodicidade neste acompanhamento, apenas que é feito por meio das próprias oficinas, nos encontros, nos cursos, nos módulos, os mesmos itens citados na questão anterior. Em somente dois casos, há acompanhamento: em um deles é mensal ou bimestral, por meio de visitas para avaliação e troca de informações; em outro caso, é bimestral, através de módulos e reuniões. Observa-se que as empresas não trabalham continuamente com os professores aplicadores, nem acompanham a maneira como esses professores utilizam o jornal como recurso de ensino ou se concebem-no como uma inovação educacional, capaz de motivar mais leitura e senso crítico. É no mínimo estranho esse fato, pois as empresas que no princípio tomam uma iniciativa de cunho mercadológico mais que pedagógico, sem o acompanhamento ou o *feedback*, perdem a

oportunidade de checar se houve aumento de interesse dos alunos (e mesmo dos docentes) com a introdução da leitura de jornais em classe.

As duas últimas questões – número 9 e 10 - são relativas aos objetivos do Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula e da empresa jornalística ao implantar este tipo de programa. A questão relacionava os objetivos para o coordenador escolher de acordo com o grau de importância (1 mais importante, em ordem decrescente, até 5 o menos importante).

Na questão nove, sobre os objetivos do Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula, os coordenadores apontaram a seguinte ordem decrescente de preferência: 1) contribuir com a formação educacional dos estudantes; 2) incentivar a leitura do jornal; 3) promover uma leitura crítica dos conteúdos impressos; 4) promover uma leitura crítica da mídia em geral; 5) estimular a análise crítica da própria sociedade; 6) auxiliar a escola em projetos interdisciplinares; 7) apresentar o jornal como sendo uma fonte interessante de pesquisa; e 8) outros.

Gráfico 1: Objetivos dos Programas de Uso de Jornal em Sala de Aula

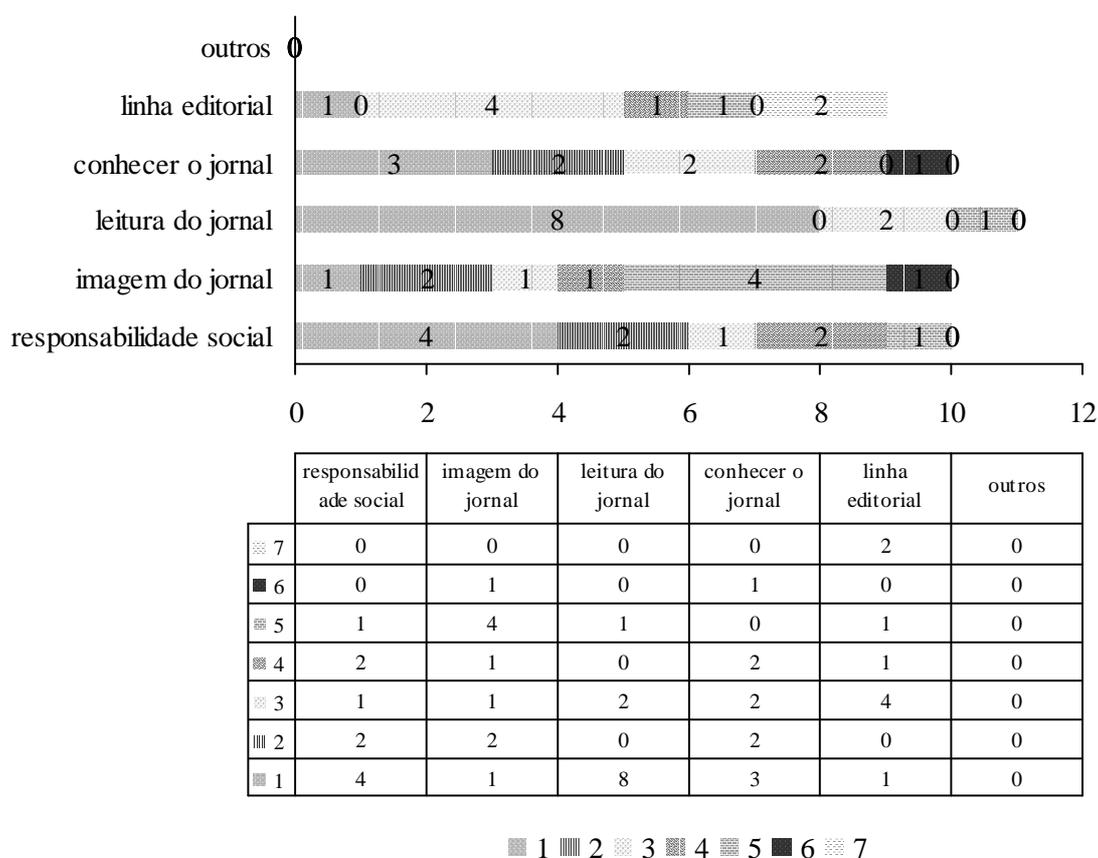


As respostas demonstram que a prioridade dos objetivos é promover a leitura crítica e a crítica à sociedade, seguida por incentivar a crítica à própria mídia. O jornal como fonte de pesquisa está entre os objetivos menos indicados, assim como a interdisciplinaridade. É possível notar uma incoerência nessa resposta, pois a leitura crítica ocorre por meio de questionamentos e, para que isso aconteça, o jornal precisa ser visto como uma fonte de pesquisa. A crítica à própria mídia aparece em segundo lugar, empatado com os objetivos de leitura do jornal e crítica da sociedade. Apesar de ser um objetivo bastante importante, nos programas avaliados anteriormente, a crítica da mídia é pouco explorada, como já foi apresentado.

A última questão diz respeito aos objetivos da empresa ao implantar o Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula: investir em novos leitores; promover ações de responsabilidade social; investir na melhoria da imagem do jornal; incentivar

a leitura do jornal; fazer com que alunos e professores conheçam o jornal; difundir a filosofia editorial do jornal e outros. As respostas também foram em ordem decrescente de prioridade, sendo 1 o objetivo mais importante e 5 o menos.

Gráfico 2: Objetivos das Empresas com os Programas de Uso de Jornal em Sala de Aula



O principal objetivo defendido pelas empresas ao implantarem seu Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula é o de incentivar a leitura do jornal. As empresas não escondem o interesse mercadológico. Apesar de contar com uma ideologia que, implicitamente, é difundida quando se lê um jornal, o objetivo difundir a ideologia do jornal apareceu em uma resposta apenas como o objetivo principal da empresa e em outros três momentos como o 3º objetivo da empresa. Por mais que esses objetivos

não sejam declarados, estão implícitos quando se deseja fazer com que os alunos leiam o jornal, bem como, ao ler, incentivam a aquisição de novos leitores. Os objetivos estão relacionados e um é consequência de outro.

Considerações finais

A análise das respostas dos responsáveis pelos Programas de Uso de Jornal em Sala de Aula revela os seguintes aspectos positivos e negativos:

a) a orientação pedagógica dos programas de incentivo à leitura crítica suplanta o interesse comercial de ganhar novos leitores; a preferência na contratação de profissionais da área de educação para serem os responsáveis pelo programa demonstra uma preocupação dos empresários em contratar pessoas do meio educacional que possam coordenar os trabalhos junto aos pares professores; é um indicativo da finalidade didático-pedagógica do programa além do interesse comercial, a médio prazo, de angariar mais leitores.

b) a realização de oficinas para a capacitação dos professores aplicadores sob responsabilidade de profissionais da área de educação vem resolver parcialmente a carência (lacuna) deixada na formação na graduação para lidar com as novas tecnologias como recurso pedagógico. Sob estes aspectos, a iniciativa das empresas jornalísticas, em elaborar e propiciar aos professores a participação de programas para o uso do Jornal em Sala de Aula, pode ser louvável do ponto de vista do incentivo à leitura e a formação de novos leitores, já que o número de consumidores de jornal está em queda.

c) por outro lado, a crítica à própria mídia, essencial para uma leitura crítica, que instiga a pesquisa e a procura de outros meios, de outras fontes de informação, não aparece de forma satisfatória nos objetivos dos programas avaliados.

d) verificamos que os programas avaliados apresentam distorções em seus objetivos, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento da criticidade e ao incentivo à pesquisa e ampliação do conhecimento, o que prejudica a aplicação do jornal como instrumento pedagógico enriquecedor e inovador.

Pode-se ainda constatar que há objetivos mercadológicos das empresas jornalísticas, confirmados com as respostas dos questionários, que nem sempre condizem com objetivos pedagógicos ou educacionais.

Enfim, se reconhecermos a importância da mídia jornal na sociedade contemporânea, que pretende ser reconhecida como sociedade do conhecimento, pelo material analisado podemos concluir que os professores ainda estão distantes de um bom uso didático pedagógico da mídia Jornal em Sala de Aula a depender das iniciativas das próprias empresas jornalísticas.

REFERÊNCIAS

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BERABA, Marcelo. O Futuro dos Grandes. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 13 de mar. 2005. Caderno Brasil, p. A6.

CANCLINI, Nestor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4e. Rio de Janeiro: E. UFRJ, 2001.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento**. 3.ed. São Paulo: Senac, 2004.

CUNHA, Maria Isabel da. Inovações: Conceitos e Práticas. In: CASTANHO, Sérgio e CASTANHO, Maria Eugênia L. M. (Orgs). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2002.

DEMO, Pedro. Obsessão inovadora do Conhecimento Moderno. In: DEMO, Pedro. **Conhecimento Moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1997.

FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala de aula**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal escolar e vivências humanas: um roteiro de viagem**. Tese de Doutorado. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciências – Jornalismo, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2002.

MASETTO, Marcos T. In: BEHRENS. Marilda Aparecida, MASETTO, Marcos T. e MORAN, José Manuel. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. 8.ed. Campinas: Papirus, 2004.

MORAN, José Manuel. Ensino e Aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: BEHRENS. Marilda Aparecida, MASETTO, Marcos T. e MORAN, José Manuel. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. 8.ed. Campinas: Papirus, 2004.

PEREZ, Clotilde e BAIRON, Sérgio. **Comunicação e Marketing**: teorias da comunicação e novas mídias, um estudo prático. São Paulo: Futura, 2002.

RAMOS, Ricardo. **Contato imediato com propaganda**. 2.ed. São Paulo: Global, 1990.

SATORI, Giovanni. **Homo Videns**: televisão e pós-pensamento. Bauru:EDUSC, 2001.